

REDACTOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisbon • Telefone 5339 C.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A pátria está em perigo!

—A pátria está em perigo!—
exclama-se das fileiras burgue-
sas.

A pátria? Que significa a pátria para o comerciante, o industrial, o lavrador, o político? Eis o que nós devemos saber primeiramente para entrarmos com segurança no assunto. Para o comerciante, o industrial e o lavrador a pátria é tudo quanto possa render bons contos de réis com que viver à farta, regaladamente; para o político, a pátria é o Estado, o Estado que lhe garanta os bifes, o almoço, o automóvel, o lauto jantar, o charuto e muitas cousas mais...

Quando o político, o comerciante, o lavrador e o industrial vem as mãos na cabeça e gritam: «A pátria está em perigo!», é sabido que os rendimentos, a fortuna, a bela ociosidade estão ameaçados.

Nunca, como no momento presente, clamaram as forças vivas com tanta violência. O Estado está à beira da falência. A falência do Estado implica um abalo tremendo na vida económica do país, que há de atingir os grandes detentores do capital. Principalmente aqueles que tem mamão das mil e umas do Estado burguês, estão pouco dispostos a ver a sua gordura ameaçada. Não sabem o que é diminuir um prato no jantar. O Estado está prestes a deixar de fornecer fortunas ao domicílio, e sentem-se mal, muito mal, coitados!

Mas vamos lá a saber quem é o culpado da falência do Estado. Foram os operários que meteram mão nos orçamentos? Foi o trabalhador e faminto que levou a desmoralização ao ponto de se criarem repartições onde nada há que fazer? Foi o povo que arrastamos o país à guerra, que aumentou a cifra das nossas dívidas duma maneira espantosa? Foram os trabalhadores que aumentaram a guarda republicana e exército e a polícia de todas as cores e feitiços, gastando com a força pública mais do que a Fazenda rende? Quem fez esse jôgo ignóbil, baixo, repugnante em volta dos navios ex-alemães, deixando-nos sem transportes? Quem deixou de cultivar a terra, para fazer altar o preço dos produtos agrícolas? Quem tem deixado abandonar as riquezas do solo, como a mina de Santa Suzana, por exemplo, que nos poderia fornecer uma boa quantidade de carvão mineral? Quem deixa correr para o mar, diariamente, milhares e milhares de escudos em folha branca, que poderia iluminar o país inteiro e aplicar-se nas mais diversas e rendosas industrias? Quem tem mal administrado as colónias?

Os governos, os comerciantes, os industriais e os lavradores são os únicos culpados da miséria a que o país chegou. Alguns lhes pedirão, talvez num futuro próximo, explicações dos seus crimes hediondos, das immoralidades sem conta, das injustiças imensas que tem sido praticadas nestes últimos tempos.

Gastaram, esbanjaram, exploraram, roubaram, sugaram tudo o que podiam, beberam e pandegaram. Continuam a comer, a gastar e a explorar a miséria do povo e a chorar porque a ruína se aproxima.

O Estado foi fazendo dívidas sobre dívidas. Pediu a nacionais estrangeiros. Quando se tratava de pagar não havia dinheiro — davam-se novas dívidas. O Estado não tinha receitas que pudessem o que se devia. Começou a aplicar a receita no pagamento dos juros. Mas como as dívidas iam aumentando sempre, os juros tornaram-se tam pesados que não há receitas que os pudessem.

Só a manutenção da ordem pública gasta tudo quanto o Estado recebe. Tanto para a guarda, para o exército, tanto para a polícia e ficam algumas migalhas para os roem nos cantos escuros dos ministérios.

Pensaram alguma vez os que frente das instituições se encontram em diminuir as despesas?

Não. Pensaram apenas em aumentar as receitas, sobrecarregando o povo de impostos (que fazem fome, mas não aumentam a riqueza) para continuar comendo, para comprar automóveis, que gastam e não dão lucro, que atropelam, sem ao menos tocar a buzina.

Chegou-se pois à beira da falência. Mais um passo... e catapuz. Quem poderia salvar o Estado burguês? A burguesia. Era lógico, era natural.

Mas os burgueses não vê dois palmos para além do cofre forte, não se resolve a auxiliar o Estado. O burguês nem sequer pensa que tem interesse em salvar o regime que o defende. O burguês toma o Estado por uma coisa que é preciso roubar. Roubar o Estado, eis a ambição do comerciante, do lavrador, do industrial e do próprio político.

Está, pois, o Estado perto da bancarrota e o burguês recusa-se a pagar os impostos que podem adiar a falência para mais tarde.

O Estado está prestes a não dar lucro nem a políticos, porque o burguês não quer pagar, nem às forças vivas que já não encontram no Estado dinheiro para roubar. Dai exclamarem as forças vivas: «A pátria está em perigo! Dai responderem os políticos: «a pátria está em perigo!»

E o povo, despojado pelo Estado, pelo comércio, indústria e lavoura, assiste impassível ao que se passa.

Entretanto um político hábil apresenta umas propostas de finanças: Vem salvar a pátria! Mas salvá-la como? Tributando o comerciante, o industrial, o lavrador e o povo trabalhador. As forças vivas protestam, não querem pagar. As forças vivas são tam estúpidas que não vêem quem quem paga os impostos que o Estado lhes cobra é o povo. É possível que venham a aceitar sem protesto as propostas de finanças, quando a razão tardia chegar.

O povo que não gastou, o povo que vive na miséria, pagará nos géneros o imposto do comerciante, nos produtos agrícolas o imposto do lavrador, nos artigos manufacturados o do industrial. E depois de pagar os três impostos acrescidos de juros que ficam nas mãos das forças vivas, pagará ainda o tributo que incide directamente sobre o seu trabalho. E ficará salva a pátria!

Veremos se o povo será tam parvo que ainda se deixe intrujar mais uma vez. Veremos...

C. G. T.

Reuniu ontem o Conselho Confederal

Conforme o aviso inserto na *Batalha*, de ontem, reuniu a noite passada o Conselho Confederal, com grande assistência de delegados tendo discutido assuntos de muita importância, quer sob o ponto de vista operário, quer social, não nos permitindo o adiamento da hora dar hoje o extracto da reunião, o que faremos amanhã.

Uma exposição aos confederados

A *Batalha*, no seu número de amanhã, que será de 4 páginas, publicará uma exposição que a C. G. T. dirige aos operários confederados, apresentada pelo Comité Confederal e que o Conselho aprovou, na reunião de ontem, exposição que trata desenvolvimento da acção desenvolvida pela C. G. T. ante a greve dos ferroviários do Estado, cuja leitura a *Batalha* recomenda a todos os operários organizados.

Na Alemanha

Ou aumento de salário ou greve. BERLIM, 14. — A direcção dos ferroviários alemães encarregou os seus delegados de proseguir as negociações sobre o aumento de salários e de se pôrem em relações com todas as outras associações de funcionários, no caso de falharem as negociações, afim de proclamarem a greve geral em tempo oportuno. — *Rádio*.

NOTAS & COMENTÁRIOS

«Propos subversifs»

Sobre este título geral preparou Sebastien Faure uma série de dōze conferências, a maior das quais se realizou já em Paris, numa sala cedida pelas *Sociétés Savantes*. Para desespero das autoridades, estas conferências decorriam serenas, e a assistência, geralmente numerosa, mantinha uma atitude absolutamente correcta e sossegada. Tãmanha ofensa aos seus princípios não pôde suportar a autoridade. A polícia para que servia ela se não se produzia desordens, nem mesmo em reuniões para apresentação de *propos subversifs*? Vai daí, um grupo de massmarros policiais invadiu um destes dias a sala das *Sociétés Savantes* onde uma das conferências se efectuava, subordinada ao tema «A podridão parlamentar». Tam destemperada zaragata fez lá a matulagem da ordem, quer no decurso da conferência, quer na rua, depois de ter terminado a reunião, que as *Sociétés Savantes* recusaram a sala para a conclusão das conferências da série. Isso não impede que ela venha completar-se noutra parte, na casa da rua Grange-aux-Belles, onde também a C. G. T. se instala. Mas é de ver como esta quadrilha policial em toda a parte é a mesma, na orientação e nos processos.

Magalas

Foram já licenciadas muitas das praças que serviram nos caminhos de ferro por ocasião das greves recentemente terminadas. Foi-lhes ordenado que, na ocasião do licenciamento, se apresentassem a paisana, restituindo o fardamento que não tiveram tempo de pagar no curto espaço em que serviram. Bem esteve a coisa para os que possuíam, uns farrapos, delidos para se cobrirem. Casacos, de desfazer-se, calças a cair aos bocados, uma tal pobreza idiomática que dir-se-ia, ao vê-los preparados daquela maneira, estar-se em presença de vândos, dos mais andrajosos. Estas cousas passaram-se em Portugal. Poderia algum ilustre jornalista julgar que era na Rússia.

Em maré de franquesa

É do sr. Brito Camacho o seguinte trecho:

Não se exagera quando se diz que os cofres públicos tem estado a saque, e para se ver quão assim é, bastará atentar na criação de serviços que se tem feito, sem justificação cabal, e no exame de parassitas que desfrutam a colmeia do tesouro, comendo o escasso mel que fabricam as abelhas que trabalham.

Quando na imprensa operária se diz isto, chamam-nos bolchevistas e não sabemos que áomos feios. Mas dita a verdade por um homem de vulto na República já ela passará sem reparo. Pois a saque, os cofres públicos. E, todavia, quem está na cadeia são os saqueados.

Pensamento

O anarquismo tende para uma sociedade sem autoridade e não para criar uma nova autoridade, a da maioria contra a minoria; ou a opressão duma nova burocracia, a que conduz, fatalmente, o socialismo marxista e o movimento exclusivamente sindical. — R. Friedberg.

Precauções falíveis...

A direcção da Companhia dos Telefones procurou ontem o ministro do interior, a quem pediu que seja mantido o reforço da guarda da sua estação central, como medida de precaução contra qualquer acto de sabotagem por parte do pessoal, caso este venha a declarar-se em greve por motivo das suas reclamações sobre melhoria de vencimentos.

É significativa esta atitude da Companhia. O pior, porém, é se o facto dos aparelhos estarem guardados pela tropa, o pessoal declara a greve, como fizeram os ferroviários do Sul e Sueste, que exactamente por estarem cercados de baionetas é que se declararam em greve... mesmo nas bochechas dos militares...

Pré-Ferrovários do Estado Demitidos e Presos

Para esta redacção devem ser enviados todos os informes respeitantes à situação das famílias dos ferroviários presos e demitidos, as notas do local em que residem, da prisão em que se encontram e das pessoas de família que cada um tinha a seu cargo.

Também pelos sindicatos operários podem ser enviados para esta redacção quaisquer doativos destinados ao mesmo fim.

Ainda os ferroviários que queiram utilizar o oferecimento de alguns camaradas que se propõem a receber as crianças filhas dos ferroviários demitidos ou presos, podem enviar as suas declarações, com indicação do sexo, idade e quaisquer outras que julguem conveniente.

A Comissão.

AMANHÃ:

Artigo de Hamon

As XXI condições de Moscovia

O seu autocracismo

DEBATE DE OPINIÕES

AS NOSSAS MENTIRAS

Faz-se um jôgo falso de palavras

que não auxilia a propaganda

Não são só os políticos de ofício que mentem. Também nós mentimos. E então impingimos cada uma ao respeito público...

A propaganda dos revolucionários é estruturalmente mentirosa. Isto é duro, é violento, mas é assim mesmo.

Mas é cousa fácil carillar a máquina, porque cá, neste campo político onde militamos, só se mente por excesso de fé, por insegurança de visão, e algumas vezes, porque parece mal dizermos o contrário do que já dissemos. O sindicalismo é a filosofia da acção. Eu observo os factos e tiro delle conclusões.

Não sou dogmático. Corrijo constantemente os meus raciocínios. De resto, todos nós desejamos a verdade, tanto mais que não temos a menor conveniência, antes todo o prejuízo, em proparar mentiras.

Vejam:

Primeira mentira — O sindicato é indifferente perante as tendências políticas dos seus elementos componentes.

Não está certo. Essa indifferença por todas as tendências políticas foi o varapau de que nos servimos para tanger o rebanho de Panurgio e desceja apropriar-se do meio de produção para assegurar a emancipação económica e moral dos trabalhadores, é necessária a tendência socialista em matéria política e não indifferente perante todas as tendências políticas.

A fórmula está errada e carece de ser substituída por esta: *organização sindical é fundamentalmente socialista, por isso que para emancipar a classe operária da tutela capitalista preconiza a socialização dos meios de produção e o correspondente poder político atribuído à mesma classe operária.*

Segunda mentira — Os indivíduos são autónomos dentro do sindicato, como os sindicatos nas federações, etc.

Qual história! Ninguém é autónomo dentro do sindicato. A tendência é sempre para subordinar o interesse individual ao interesse colectivo. Bem entendido: este colectivo não significa consciência de maioria, pois nos sindicatos é sempre uma minoria activa que comparece e delibera não só em nome da massa agremiada, mas da classe inteira.

Autonomia? Quando da greve de Janeiro de 1912, eu rejeitei a sua declaração. O meu sindicato votou-a e eu aceitei essa decisão, incumbindo-me até a missão de representar os grevistas numa diligência a Efora. Abduquei? Chimpri o meu dever. No sindicato não apenas a liberdade de manifestar o meu voto e defendê-lo. Nada mais.

Quais então as normas que prevalecem nos actos e na directriz do movimento sindical? O direito que assiste às minorias conscientes e activas de deliberarem e conduzirem a acção.

Nós não temos que preocupar-nos com o indifferntismo político da massa inconsciente; não nos importa que ela seja ou não doutrinarmente socialista. O que nos importa é verificar o estado deplorável das suas condições de vida, sentir com essa massa o mesmo desejo de libertação e estudar os meios práticos de realizá-la tam depressa quanto possível. Se não puder ser tudo, que seja alguma coisa, porque o pouco alcançado hoje estimula para o muito de amanhã.

Unico Quem quer o preso?

Uma digressão do Terreiro do Paço ao governo civil que dura seis horas...

Como ontem noticiámos, o nosso camarada Leopoldo Calapez foi preso no domingo, tendo dado entrada num calabouço do governo civil, mas só ao cabo duma grande digressão pela cidade.

Para que os leitores fiquem com uma noção exacta do que são as autoridades, vamos relatar aproximadamente as peripécias de tal detenção.

Leopoldo Calapez vinha a bordo do vapor *Atalaia*, do Barreiro para Lisboa, quando foi abordado pelo secretário de administração dos caminhos de ferro, que lhe disse estar incumbido duma missão ingrata — prendê-lo. Depois de várias desculpas do referido secretário, foi Calapez metido entre uma escolta, comandada pelo capitão Salgado.

Chegado à estação do Terreiro do Paço, o comandante ordenou ao cabo da escolta que levasse o preso ao comando geral, ao Carmo. Aqui, o oficial de serviço não quis receber o preso, em primeiro lugar porque era um civil, em segundo porque a requisição — feita a lápis pelo secretário de administração — não estava em ordem, faltando a participação da falta cometida pelo preso.

Que se havia de fazer? Pôr o preso em liberdade? Resolveram então enviá-lo para Campolide.

Em Campolide peripécias idênticas: não o aceitaram. O sargento que em Campolide se encontrava mandou desarmar a escolta e acompanhar Calapez por um cabo, a casa do capitão Salgado, na rua da Quintinha.

Pernas a caminho. Ai vão cabo e preso até à rua da Quintinha.

O senhor capitão nada podia resolver sobre o assunto, visto que apenas tinha fornecido a escolta. Era o diabol! Ninguém queria o preso. Pediu o senhor capitão desculpa ao preso de tanto in-

A acção directa e a luta de classes, não sendo duas mentiras, são também cousas confusas. Não é muito fácil à multidão compreender onde principia um método e acaba outro, servindo-se por isso indistintamente dum e doutro, como difícil é dividir nitidamente as classes, tal a interminável gradação de categorias que se interpoem entre as classes extremas. Há, pois, acção integral e luta da classe operária pela conquista do poder económico e político, luta estabelecida não só contra o capital, mas contra todos os elementos de reacção àquela objectivo.

O que eu pretendo é que se faça uma política de realizações imediatas e para isso é indispensável que abandonemos de vez as mentiras que nos tolhem os movimentos.

Não se imagine que eu estou teóricamente em desacordo com o anarquismo tradicional. Haveria melhor cousa do que os homens poderem dispensar toda a sorte de tutela governativa? Quem combate por injusto e iníquo este sistema? Simplesmente, o que eu não compreendo é que por não se poder fazer tudo se deixe de fazer alguma coisa.

Ora oçam.

Em *A Batalha*, de 1 do corrente, Manuel Joaquim de Sousa diz: «Indo a verdade que o que falta à classe operária é capacidade?»

Se lhe falta — o que é verdade — como quer que ela se conduza por si mesma? Ou espera criar-lhe a capacidade, daqui até à revolução, para organizar a tal sociedade livre e igualitária? Eu que não aceito essa resignação. Quero, queremos todos, que alguma coisa se realize, porque o momento histórico da vida portuguesa que decorre é de aproveitar.

Palavras, teorias vagas, nada resolvem. Não é com elas que se fazem as revoluções: é com ideias concretas de organização.

Propósito: havia-nos prometido Emílio Costa um estudo sobre *A revolução sem ditadura*. Muito empenho tinha eu em tomar conhecimento com tal *milagre*. Porque revolução sem ditadura é cousa nova na história de todos os tempos.

Que excelente ocasião para Emílio Costa provar a solidéz dos seus argumentos!

J. Carlos RATES.

NOTA. — No nosso artigo de ontem houve uma gaffe que não passou despercebida ao leitor, naturalmente.

Fazendo referência a afirmações do energético e culto sindicalista catalão Salvador Seguí, não as transcrevemos, como nos cumpria.

Eis as aludidas afirmações, insertas em *A Batalha* de 29 de Outubro de 1920:

...pensamos que a revolução há de ser em Espanha, uma coisa bem diferente do que em Rússia, e que o poder não ficará nas mãos dum partido político, por melhores que sejam as intenções deste, mas passará a residir nos sindicatos, pois são estes, no fim de contas, as entidades que com as responsabilidades da produção e da distribuição terão de aguentar-se.

A ditadura — admitindo que, para ir do regime burguês ao comunismo, tenhamos necessidade de passar por ela — deve ser exercida pelos sindicatos, pois nestes reside toda a força daquela classe que tem de fazer a revolução e assegurá-la.

C. R.

comodo... Mas que fazer, que não fazer!... Envio-nos para Campolide, recomendado ao official de serviço.

Vá de caminhar novamente da rua da Quintinha para Campolide. Ali se apresentou Calapez ao official de serviço. Este nada resolveu também: nada podia fazer. Não havia participação, não sabia o motivo da prisão, assumiu que só o capitão Salgado poderia resolver.

Volta Calapez e respectiva companhia à rua da Quintinha, para que o capitão Salgado resolvesse.

O capitão Salgado estava seriamente atrapalhado: o preso não lhe largava a porta. Por fim teve uma ideia: enviou-o para o comando geral. O pior é que também não podia ficar aqui.

O caso estava-se complicando. Aqueles viagens prometiam eternizar-se. Passaria Calapez a ser o novo judeu errante.

Finalmente, do comando geral telefonaram para o governo civil. Talvez ali o aceitassem. E aceitaram. O governo civil não recusa ninguém. Para lá levaram o nosso camarada Calapez, que se encontra no calabouço n.º 2.

É curioso saber-se que estes passeios duraram seis horas, pois Calapez saiu do Terreiro do Paço às 12 e entrou no governo civil às 18 horas.

Que dizem a isto? Querem-nos mais completos?

É claro que os ferroviários Leopoldo Calapez, que cometeu o grande crime de ser grevista, foi capturado depois de terminado o movimento da sua classe, a despeito de se não exercerem represálias...

A Grécia em foco

Preparava-se um atentado contra Constantino

LUCERNE, 14. — O rei Constantino partiu hoje incógnito em direcção a Atenas acompanhado de vinte pessoas.

Em Milão foram presos dois gregos que tinham preparado um ataque à bomba a Constantino. — *Rádio*.

A GREVE GERAL DOS MINEIROS INGLESES

Da grande greve dos mineiros ingleses resultou, decorridos quinze dias, uma entente dos trabalhadores com o governo e os proprietários das minas; entente que concede aos operários o aumento dos salários por eles reclamado, e que pode considerar-se, sob o ponto de vista material, como uma vitória positiva. E não obstante, tinha-se esperado outra coisa d'este vasto movimento que se preparava há muitos meses; algo mais importante do que o aumento dos salários de 2 shillings por dia; o que quer que era aproximando-se estreitamente do nosso ideal comum, da direcção das empresas pelos operários organizados e da abolição definitiva dos lucros capitalistas.

Numerosos são os que esperavam com impaciência o desencadeamento da luta pelos mineiros, sabendo que no momento actual e no estado social e político da Inglaterra presentemente, a revolução social teria podido surgir de qualquer conflito sério entre o capitalismo inglês sustentado pelo governo e uma organização operária tam poderosa como a União dos Mineiros da Gran-Bretanha.

Os mineiros são, talvez, os únicos, entre os operários de todas as industrias, que não poderiam ser substituídos de um dia para o outro, nem mesmo no espaço de um mês, por voluntários. Sabia-se também os mineiros ingleses guiados por «leaders» de alto valor como: Smillie e Frank Hodges.

Se o movimento recente não saiu do estreito quadro duma simples luta de salários, é evidente que causas assás profundas impediram o seu desenvolvimento; e a pesquisa dessas causas é, certamente, dum interesse geral.

Para compreender a luta actual dos mineiros ingleses, é mister remontar ao ano passado, em que os mineiros foram burlados pelo governo de Lloyd George, e a toda a propaganda em favor da nacionalização das minas que havia precedido esse movimento, porque é bem a nacionalização das minas que constitui, nestes últimos anos, a base real de todas as reivindicações dos mineiros ingleses, e por diversas vezes estes declararam abertamente que a alta dos salários não era senão uma questão secundária. Entre os mineiros ingleses é, principalmente, no seio da nova geração de que faz parte Frank Hodges, é profunda a convicção de que os trabalhadores do subsolo, não continuariam por muito tempo na sua labuta perigosa e sombria permitindo os enormes lucros de algumas dúzias de exploradores capitalistas, mas que o trabalho das minas deve, d'oravante, realizar-se a benefício de toda a nação sob a fiscalização, de uma parte, dos próprios que extraem a hulha das entranhas da terra, e d'outra parte, dos constituidores directamente interessados, isto é, de toda a nação.

Bem representada, animada do espírito de massas operárias experimentadas na luta e extremamente perseverantes, a Federação dos mineiros da Gran-Bretanha havia tam bem trabalhado, que há três anos, a Comissão real designada para inquirir da situação nas minas e tendo como presidente um homem notável em evidência de repente, o juís Sankey, concluiu por recomendar oficialmente a nacionalização das minas como o único meio eficaz para pôr um termo a todas as injustiças e a todas as dificuldades presentes.

Ao governo, porém, defensor dos interesses dos proprietários das minas, não convinha a nacionalização.

Burlados pelo governo recalcitrante, os mineiros decidiram então, no mesmo ano, começar a luta a favor de uma alta de salários, de 2 shillings por dia. Impotentes, no momento, para imporem a nacionalização das minas, forçados a trabalharem ao serviço dos exploradores, eles reivindicavam para si próprios uma parte mais larga dos benefícios; mas pensavam também nos interesses públicos, e exigiam que a alta dos salários não fosse contrabalançada por um aumento do preço do carvão. Foi precisamente esta reivindicação complementar, sinal do tempo em que vivemos, que tornou a luta tam aguda, tam apaixonada, e a sua solução tam difícil.

O público inglês, o público internacional, compreendeu acaso a vastidão desta decisão e era, por consequência, tam favorável à greve dos mineiros ingleses como deveria sê-lo sob o ponto de vista do seu próprio interesse? Não; o público deixou-se iludir pelos artigos da grande imprensa capitalista favorável, naturalmente, aos interesses dos exploradores, das Companhias carboníferas, e deixou-se apavorar, principalmente, pela perspectiva de uma greve prolongada nas minas na entrada do inverno, numa época em que o carvão é reclamado por toda a gente.

Foi nestas condições que os mineiros, ingleses, podendo contar com o auxilio eficaz de duas outras grandes organizações operárias, a dos ferroviários e a dos operários dos transportes, ambas reunidas com a sua própria união na *Triple Alliance*, não quizeram levar mais longe a sua vitória, preferindo permanecerem num acórdio provisório.

Não foi somente a estação pouco favorável sob o ponto de vista da simpatia pública que decidiu os mineiros ingleses a não pôrem ainda desta vez o problema mineiro em toda a sua vastidão. Com efeito, se por um lado a estação era um obstáculo sério, apresentava ao contrário vantagens incalculáveis sob o ponto de vista técnico e dada precisamente a necessidade em que todas as industrias inglesas se encontravam em poucos dias de fazerem pressão para a rápida solução do conflito mineiro.

Um dos primeiros resultados da greve dos mineiros foi a paralisação quase completa do comércio e da industria na Galles do Sul, onde 80 por cento dos trabalhadores ficaram sem trabalho logo nos primeiros dias. Os armadores, em previsão da greve, faziam seguir, semanas antes, os seus barcos para os portos continentais, e a maior parte das docas da Galles do Sul estavam vazias.

As industrias do aço de Llanelltyf fecharam as suas portas acto continuo à declaração da greve. Em diversos centros industriais do Reino Unido milhares de operários encontravam-se sem trabalho e a situação agravava-se de dia para dia.

Não se necessitava ser profeta para vaticinar que a revolução social teria sido a consequência do movimento dos mineiros semanas depois da perturbação dos espíritos, e o próprio governo de Lloyd George estava disso tam convencido como os mineiros. Mas é precisamente aí que deve procurar-se os motivos essenciais das hesitações que se manifestaram no meio dos mineiros e dos seus aliados, assim como a razão profunda dos numerosos conselhos de moderação que lhes foram ministrados. Julgava-se a época pouco favorável para uma revolução imediata, apesar do crescimento considerável dos sem trabalho e do descontentamento geral numa grande parte da nação.

«Fazia perder a coragem», constata o delegado dos mineiros, Bundock, num apanexo retrospectivo da greve publicado no «Labour Leader» de 23 de Outubro, «sentar as conversações no tramway ou no vagon de caminho de ferro, conversações revelando a mais profunda ignorância e sustentadas por um certo mal estar resultante do mais grosseiro egoísmo.»

A Inglaterra, como a França, atravessa um período de reacção social e de imperialismo político que são a consequência imediata e inevitável da vitória. Uma parte, assás considerável, da população inglesa, principalmente, os campos, esqueceu-se, durante a guerra, duma forma vergonhosa, e até nos meios operários encontram-se, por toda a parte, numerosos elementos refractarios a toda a tentativa de transformação da ordem social estabelecida. É indispensável atravessar este período, tanto quanto possível, sem perda de terreno para a revolução social.

Os mineiros ingleses, homens práticos antes de tudo, hesitaram em lançar-se a fundo numa batalha que receavam perder, dado o aspecto geral da opinião pública. Perdoemo-lhes. Uma revolução social desencadeada actualmente, no começo do inverno e com a perspectiva de todas as privações que ela implicaria, necessariamente, à população antes da reorganização efectiva da produção, não teria, provavelmente, outro desideratum em França que na Inglaterra.

Não consideremos, pois, senão os resultados insuficientes mas imediatos que a grande greve dos mineiros produziu, e aguardemos os acontecimentos!

(De Les Temps Nouveaux).

Christian CORNELISEN

Ferrovários do Sul e Sueste

Nota officiosa

No parlamento, o sr. ministro do comércio declarou que o governo não exerceria violências nem perseguições sobre os ferroviários.

Tal afirmação está sendo negada pelos factos, pois estão sendo demitidos ferroviários pelo simples facto de terem sido, grevistas, não se concedendo o direito de liberdade a alguns dos ferroviários demitidos, pois que por toda a parte são procurados para serem presos. É este o procedimento honesto do governo, que todavia vai para o parlamento, pela boca do sr. ministro do comércio, fazer afirmações de liberalismo.

Tal estado de cousas, a prolongar-se, terá consequências desastrosas para toda a gente, reflectindo-se na economia do país e no procedimento do governo.

Até agora não foi admitido o pessoal, como se tem apregado, pois tudo continua na mesma, não se tendo chegado a uma conclusão, o que faz com que os serviços ferroviários continuem como em plena greve.

EM LONDRES

O Congresso extraordinário da Federação Sindical Internacional

16 países * 24.616:000 operários representados * 83 delegados

(Conclusão)

O fim do Congresso

Com a análise da questão do Ruhr exortou-se a ordem do dia do Congresso. Produziu-se rapidamente uma troca de opiniões.

Jaszi, (Húngria) fala da situação do seu país e agradece à Internacional a acção de solidariedade manifestada pela ele no boicote dirigido contra o terror branco.

Thomas dirige-se aos delegados, felicitando-os pelo trabalho realizado.

Quando penso que este Congresso se efectuou tão pouco tempo depois da guerra, posso dizer que ele mostra a vontade comum dos trabalhadores de esquecer o mais depressa possível os passados séculos.

Hueber (Austria) lembra a solidariedade efectiva dada ao povo austriaco, num momento de desesperada aflicção, pela F. S. I.

Fimmen, secretário internacional, depois de pedir ao Congresso que manifeste o seu reconhecimento aos camaradas ingleses que o organizaram e ao pessoal que assegurou os serviços materiais complicados, declara:

— Este Congresso mostrou um espírito esplêndido de unidade e de solidariedade. Prova que a verdadeira Sociedade das Nações é o operariado organizado internacionalmente.

Depois destas palavras o Congresso encerra, enquanto os delegados cantam a Internacional.

Uma carta de Zinovief

Com a data de 23 de Outubro último fez Zinovief publicar uma «carta aos franceses», cujos trechos principais abaixo publicamos. Ela explica o azeite das alusões feitas no Congresso de Londres à terceira Internacional e aos seus membros.

«Os operários avançados da América e da Europa compreenderam já que a salvação para as massas oprimidas está na ditadura do proletariado e não na já muito conhecida «democracia». Em resumo: os princípios fundamentais da III Internacional preponderam já no espírito dos operários avançados do Universo. Os oportunistas estão no seu papel quando se adaptam a todas as situações. Actualmente esses senhores veem-se obrigados a mostrar-se partidários da III Internacional. Não podem dizer francamente aos operários que lhes repugna a ideia da ditadura do proletariado, que não querem ajudar a revolução mundial, que não contra qual quer auxílio à República dos Soviéticos. Já não podem lançar ao operariado essas frases banais e mil vezes repetidas sobre o sufrágio universal, sobre a República democrática, sobre o trabalho gradual de reformas a passo lento e simto. Os senhores oportunistas sabem bem que se empreendem actualmente a discussão franca das nossas ideias, se disseminam os operários toda a verdade sobre as suas opiniões burguesas ou semi-burguesas, os trabalhadores abandonados hiam imediatamente. Mas eles querem a todo o preço

permanecer no movimento operário: é-lhes absolutamente necessário conservar relações com os partidos do trabalho, a fim de poderem exercer dentro deles a sua influência.

«Na Alemanha, renegados conhecidos tais como Hilferding, e reformistas burgueses como Crispin e Dittmann juram por todas as esquinas que simpatizam em princípio com a III Internacional e que só insistem sobre a suavização de certas condições. Na América, fazem-se ouvir afirmações semelhantes por parte do oportunista Maurício Hillquit que, em realidade, está de corpo e alma com a II Internacional. O mesmo quadro se vê na Itália, e ainda o mesmo se vê actualmente em França.

«Camaradas franceses! eis o conselho que eu vos diria: conduzi todos a discussão sobre o terreno dos princípios; obrigai o adversário a emitir as suas ideias unicamente sobre o que nos interessa neste debate: sobre a ditadura do proletariado, sobre o sistema dos Soviéticos, sobre a Revolução mundial, sobre os chefes amarelos da Internacional sindicalista, sobre o papel nulo da aristocracia operária, sobre o saneamento do partido sobre a mudança de carácter de todo o trabalho parlamentar, sobre a criação de células comunistas em todas as organizações operárias, sobre o apoio efectivo, dedicado e não verbal à Rússia dos Soviéticos, sobre a preparação do armamento dos operários e do desarmamento da burguesia, etc., etc.

«As 21 condições são elaboradas da maneira a diferenciar o trigo do joio, a

fim de forçar os elementos reformistas e semi-reformistas a desmascarar-se. Essas condições foram formuladas a fim de que se proceda à depuração das fileiras de todos os partidos oportunistas.

«Ouvi dizer que existe um pó que destrói radicalmente os percevejos e outros insetos. Esperamos que também as 21 condições elaboradas pelo II Congresso da Internacional comunista limpará radicalmente o nosso edifício dos percevejos do oportunismo e dos pilhões do reformismo.

«Prevenimo-vos, camaradas franceses, que todos aqueles socialistas que agora se pronunciam contra a III Internacional serão brevemente obrigados a pronunciar-se igualmente contra a Rússia dos Soviéticos. O exemplo dos independentes alemães prova-o claramente. Eles alararam-se já aos menaxeviques, que o mesmo é dizer, aos contrarrevolucionários russos; o jornal deles já não é mais que uma odiosa folha antibolchevista, onde se encontram incitamentos contra o bolchevismo no género dos desescalhões de Dittmann.

«Quê exemplo repugnante vos sirva de lição. Os camaradas franceses devem fazer claramente esta pergunta ao grupo Longuet: Querem Longuet e o seu grupo seguir o exemplo de Hilferding, de Crispin e de Dittmann? Querem eles fazer em França o mesmo que os outros fizeram na Alemanha? Recusam eles submeter-se à maioria do Partido? Querem igualmente formar um novo partido das direitas? Querem substituir as questões primordiais do movimento internacional por miseráveis discussões de organização? Tem, eles também, a intenção de per-

turbar o espírito do proletariado francês com os seus gritos chauvinistas e com as suas discussões escabrosas.

«Pondo-lhes uma faca na garganta, preciso exigir uma resposta de Longuet e dos seus partidários, e conforme essa resposta for, segundo eles aceitarem ou não de boa fé as teses e as condições da Internacional comunista, e consentirem ou não em aplicá-las fielmente, por factos e não somente por palavras, assim se tomará uma resolução definitiva a respeito deles».

A Internacional Sindicalista protesta contra a repressão exercida em Espanha

O Bureau da Internacional enviou no dia 9 do corrente a seguinte carta ao chefe do governo espanhol:

O Congresso Sindicalista Internacional celebra-se em Londres, posto ao corrente da situação em que se encontra o movimento sindical espanhol encarregou o Bureau Internacional de dirigir-se, por mediação de V. Ex., ao gove. de Espanha, para manifestar-lhe o seu protesto contra a violação sistemática das liberdades e dos direitos sindicais.

O Bureau Sindicalista Internacional permite-se recordar ao gove. de Madrid que aderiu ao título 15.º do tratado de Versalhes, pelo qual se declara solenemente o reconhecimento da organização sindicalista que esse gove. esteve representado na Conferência Internacional de Washington, e que, por mediação do seu delegado, o Bure. de Amsterdã, introduziu as suas alterações ao princípio de liberdade e direitos de trabalho reclamados pelo tratado de Versalhes e pelo pacto da Sociedade das Nações; que o gove. espanhol tem o

seu delegado no conselho de administração do Bureau Internacional de Trabalho, Visconde de Eza, e que a missão principal deste organismo é velar pelo cumprimento dos tratados e da aplicação das convenções internacionais.

Sendo presente, o Bureau Internacional pede a V. Ex. que intervenha no seu gove. para que cesse a perseguição de que são vítimas os trabalhadores espanhóis sindicados, para que seja restabelecido o direito de organização e de de operação.

O Bureau Internacional Sindicalista espera que não virá da Espanha nenhuma reacção de desrespeito aos princípios da palavra dada, e que a humanidade continuará dirigindo a conduta dos homens.

O Bureau Internacional Sindicalista espera que não virá da Espanha nenhuma reacção de desrespeito aos princípios da palavra dada, e que a humanidade continuará dirigindo a conduta dos homens.

O Bureau Internacional Sindicalista espera que não virá da Espanha nenhuma reacção de desrespeito aos princípios da palavra dada, e que a humanidade continuará dirigindo a conduta dos homens.

L. JOUHAUX, presidente.
Firmilim OUEEST, secretário.

Nota final

Baséamo-nos nas reportagens de moulins, inseridas em *La Bataille*, compor o extracto do congresso. Londres cuja publicação termina hoje. Não nos foi possível encontrar melhor fonte. Queremos parecer, via via Dimouliu, nem sempre, após o desenvolvimento de que deu ao assunto manteve aquela imparcialidade que um cronista convém. A isso se deviam poderemos dar mais extensas notícias discursos proferidos pela delegação italiana e outras, cuja orientação se mostrou caracterizadamente revolucionária.

A arte e os artistas

As aquarelas de Alberto Sousa

Pintar não é unicamente empunhar pincéis e paleta, e traçar arabescos lindos sobre a tela e o cartão. O artista que assim interpreta a pintura não sabe qual é a sua verdadeira missão; pinta, como anda, como dorme — por instinto. Ninguém queamos atravessando tem o instinto puro e simples um papel resumiíssimo. A educação refoveu o instinto, o cálculo tende a substituir o impulso. O homem vai-se tornando mais reflectido. Pesa, antes de se abalar à acção, todos os prós e contras; medita os gestos, dá-lhes uma direcção premeditada para que todas as probabilidades de alcançar um determinado fim estejam ao seu lado. A filosofia e a ciência em constante aperfeiçoamento facilitam o pensamento humano. Um homem impulsivo, incoerente é alvo de chacota; o que ri, chora ou canta, sem motivo, é tomado por doido. Hoje, viver tem um fim, um motivo; como uma conta de multiplicar tem uma aplicação e consequente efeito. O pintor, o verdadeiro pintor, pinta porque tem necessidade de pintar, porque é isso o seu melhor prazer. Mas como o homem moderno não deve ser apenas uma pilha de nervos vibrando sem utilidade, o pintor deve obedecer a um preceito de moral, como qualquer indivíduo que faz parte da grande sociedade humana. O pintor deve tanto quanto possível tornar a sua arte útil à comunidade.

Estabelece-se assim na arte o primeiro, o rudimentar princípio de moral. Ser útil é começar a ser bom. Entre um belo quadro, simplesmente belo, e um belo quadro útil, não temos hesitações, escolhemos o que é útil.

Não queremos dizer com isto que, nas obras artísticas, ponhamos de parte a beleza e reclamemos apenas a utilidade. A primeira condição, ou melhor, a primeira obrigação do artista é criar beleza. A utilidade já não se reclama verdadeiramente do artista, reclama-se do homem, porque a obrigação de cada um é ser útil ao maior número. O indivíduo que, sendo artista, sentindo o que há de belo na natureza, cria beleza nas suas obras, deve ao mesmo tempo, como homem, dar os mais altos exemplos de moral aos outros homens. A moral já encerra em si algo de belo; a arte, porém, é que nem sempre é moral. Uma obra de arte que contém moral e beleza, que emociona e aconselha, que entusiasma e instrui é uma obra completa.

Ora, o culpado destas considerações, lançadas a esmo sobre o papel, foi o sr. Alberto Sousa. As suas aquarelas fizeram-nos pensar. É raro encontrar-se em Portugal um artista que obribe o povo a raciocinar.

O sr. Alberto Sousa, já um aquarela passada aqui o dissemos, é um aquare-

lista quase completo. O seu desenho, esquecido sem o qual a pintura não vive, é firme; a cor é verdadeira, a técnica pessoal e uma. Embora isto seja já bastante não é tudo o que o sr. Alberto Sousa imprime de bom nos seus cartões. As qualidades que apontamos formam o artista, mas qualquer indivíduo com temperamento de pintor adquire rapidamente essas qualidades — embora para aperfeiçoá-las não necessita saber ler, nem escrever, nem conhecer o mais rudimentar princípio de moral. Um bandido da pior espécie pode desenhar optimamente e servir-se desse desenho para traçar planos de assalto; um analfabeto pode ter uma nitida visão de cor e possuir uma técnica original. Porém, o bandido nunca poderá imprimir moral no seu desenho, nem o analfabeto ensinar por intermédio da pintura. Tanto um como outro necessitam de mais alguma coisa para ser úteis à sociedade — um, deixar de ser bandido e compreender a necessidade de dar bons exemplos ao homem, o outro, devia aprender a ler para saber quanto de útil se pode tirar da beleza da cor.

O sr. Alberto Sousa tem todas as qualidades necessárias e mais uma para constituir um bom pintor: desenha bem, vê admiravelmente a cor local, possui técnica — e visa um fim utilíssimo.

A pintura do sr. Alberto Sousa fixa as principais obras arquitectónicas que existem no nosso país.

Emquanto as instituições abandonam as interperies e à acção demolidora dos anos o que temos de bom em construção antiga, desde os arabescos góticos aos arremedos de Renascença que por aí existem, o sr. Sousa fixa todas essas obras carinhosamente nos seus cartões, dá-nos-las vividas, reais, na cor e no contorno.

Não é de agora a preferência do sr. Alberto Sousa; há bastante tempo que se dedica a este trabalho. Desta vez Coimbra foi a fonte inesgotável de onde recolheu os assuntos admiráveis que se podem contemplar no Edifício Histórico do Carmo.

O *Túmulo de D. Sancho*, fino de cor, *SilVella*, flagrante de realidade, a *Capela de S. Cristóvão* e outros quadros são esplêndidos de execução e utilidade.

Um permenor interessante que não devemos esquecer: o sr. Sousa tem quadros que são verdadeiros documentos dos hábitos populares. Esta atenção particular pelo povo e pelos seus monumentos é um dos pontos principais que constituem a verdadeira pintura histórica.

Pela obra do sr. Sousa pode saber-se com precisão o que é Portugal no século XX e obter-se uma ideia do que foi noutros tempos.

M. D.

COLISEU DOS RECREIOS

A's 21 horas
O incomparável e arrejado d'umador FORTUNIO com os seus magníficos

4 FEROZES LEÕES 4
Primorosos e variados trabalhos da Grande Companhia de Circo Exitos colossais

Extraordinário sucesso
A mais completa companhia do mundo

CLASSES MOBILIÁRIAS

O 1.º Congresso Nacional

Realiza-se em Coimbra nos dias 28, 29 e 30 do corrente

Motivos por todos conhecidos, levaram a comissão organizadora do Congresso Nacional da Indústria do Mobiliário a adiá-lo, pois estava marcado para Outubro passado.

Assim, desaparecidos esses motivos, foram fixados os dias 28, 29 e 30 do corrente para a realização do congresso, que ha de trazer um grande desenvolvimento para as classes mobiliárias do país devendo dessa magra reunião sair a sua Federação corporativa.

É grande o número de delegados representando os organismos de diferentes pontos do país que ao congresso acorrerá, reinando o maior entusiasmo e conjugando-se todos os esforços para del resulte a unificação completa das classes mobiliárias.

A comissão organizadora, na sua reunião de ontem, discutiu e aprovou a ordem de trabalhos e regulamento do Congresso, que a seguir inserimos:

Ordem dos trabalhos

Dia 28-1.ª sessão, às 11 horas: Abertura do Congresso, revisão de mandatos, apreciação do relatório da comissão organizadora e discussão do regulamento do congresso.

2.ª sessão, às 20 horas: Discussão da tese: *Organização corporativa*.

Dia 29-1.ª sessão, às 11 horas: Discussão da tese: *Unificação das classes mobiliárias*.

2.ª sessão, às 20 horas: Discussão da tese: *Indústria Mobiliária condições técnicas*.

Dia 30-1.ª sessão, às 11 horas: Discussão da tese: *Organização industrial*.

2.ª sessão, às 20 horas: Discussão de vários trabalhos apresentados durante o Congresso; nomeação da Comissão Administrativa da Federação; encerramento do Congresso.

Regulamento do Congresso

Art. 1.º Constituem o Congresso:

a) Os Sindicatos Unicos;

b) As Associações de Classe;

c) Os núcleos sindicais.

Art. 2.º Cada uma das supracitadas organizações pode fazer-se representar por um ou três delegados.

Art. 3.º — Exceto-se a Comissão Organizadora do Congresso, que é composta de oito delegados.

Art. 4.º — Os delegados devem ser operários assalariados e sindicados.

Art. 5.º — A comissão Organizadora compo-se de:

a) A presidência e secretário da sessão;

b) Um presidente e dois secretários eleitos pelo Congresso.

Art. 6.º — O Congresso nomeará uma comissão revisora de mandatos, constituída por cinco membros, que verificará a identidade dos delegados e apresentará o seu parecer na primeira sessão antes de se entrar na ordem dos trabalhos.

Art. 7.º — A ordem dos trabalhos será determinada pela comissão organizadora, para evitar desperdício de tempo ou proclamação de assuntos.

Art. 8.º — Aberta a sessão, conceder-se-á um período de 30 minutos para a leitura de qualquer assunto estranho à ordem do dia.

Art. 9.º — O Congresso, na sua última sessão, elegerá, por escrutínio secreto, ou por aclamação, a Comissão Administrativa da Federação.

Art. 10.º — A comissão Organizadora compo-se de:

a) A presidência e secretário da sessão;

b) Um presidente e dois secretários eleitos pelo Congresso.

Art. 11.º — O Congresso nomeará uma comissão revisora de mandatos, constituída por cinco membros, que verificará a identidade dos delegados e apresentará o seu parecer na primeira sessão antes de se entrar na ordem dos trabalhos.

Art. 12.º — A ordem dos trabalhos será determinada pela comissão organizadora, para evitar desperdício de tempo ou proclamação de assuntos.

Art. 13.º — Aberta a sessão, conceder-se-á um período de 30 minutos para a leitura de qualquer assunto estranho à ordem do dia.

Art. 14.º — O Congresso, na sua última sessão, elegerá, por escrutínio secreto, ou por aclamação, a Comissão Administrativa da Federação.

Art. 15.º — A comissão Organizadora compo-se de:

a) A presidência e secretário da sessão;

b) Um presidente e dois secretários eleitos pelo Congresso.

Art. 16.º — O Congresso nomeará uma comissão revisora de mandatos, constituída por cinco membros, que verificará a identidade dos delegados e apresentará o seu parecer na primeira sessão antes de se entrar na ordem dos trabalhos.

Art. 17.º — A ordem dos trabalhos será determinada pela comissão organizadora, para evitar desperdício de tempo ou proclamação de assuntos.

Art. 18.º — Aberta a sessão, conceder-se-á um período de 30 minutos para a leitura de qualquer assunto estranho à ordem do dia.

Art. 19.º — O Congresso, na sua última sessão, elegerá, por escrutínio secreto, ou por aclamação, a Comissão Administrativa da Federação.

Art. 20.º — A comissão Organizadora compo-se de:

a) A presidência e secretário da sessão;

b) Um presidente e dois secretários eleitos pelo Congresso.

Art. 21.º — O Congresso nomeará uma comissão revisora de mandatos, constituída por cinco membros, que verificará a identidade dos delegados e apresentará o seu parecer na primeira sessão antes de se entrar na ordem dos trabalhos.

Art. 22.º — A ordem dos trabalhos será determinada pela comissão organizadora, para evitar desperdício de tempo ou proclamação de assuntos.

Art. 23.º — Aberta a sessão, conceder-se-á um período de 30 minutos para a leitura de qualquer assunto estranho à ordem do dia.

Art. 24.º — O Congresso, na sua última sessão, elegerá, por escrutínio secreto, ou por aclamação, a Comissão Administrativa da Federação.

Art. 25.º — A comissão Organizadora compo-se de:

a) A presidência e secretário da sessão;

b) Um presidente e dois secretários eleitos pelo Congresso.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil. — Comissão de melhoramentos. — Em virtude da proibição da assembleia magna que estava marcada para ontem, não pôde realizar-se a reunião convocada para as 21 horas, ficando adiada para a próxima sexta-feira.

Nestas condições reserva-se a mesma comissão para o fazer depois da outra convocada para o dia 11 horas, e fim de utilizar os seus trabalhos.

Comissão de propaganda pré-propos. — A primeira reunião magna, anunciada para ontem não se realizou em virtude da ausência de alguns delegados, ficando adiada para a próxima sexta-feira.

Sindicato Unico das Classes Mobiliárias. — Conselho técnico e de melhoramentos. — Tendo em conta as resoluções da comissão encarregada da criação de núcleos por freguesias, será hoje profusamente distribuído por todas as oficinas um manifesto e seu respectivo regulamento, convidando os operários a aderirem às mesmas e tomem na devida consideração, contribuindo para que sejam criadas as respectivas comissões nas freguesias onde ainda não existem.

Compositores tipográficos. — Reuniu a assembleia de delegados das casas de obras, juntamente com a comissão administrativa e Associação dos Impressores, sendo nomeada a comissão encarregada da elaboração de um estatuto para a categoria, devendo ser presentes à assembleia geral da classe que brevemente será convocada.

Operários alfaiates. — Reuniu anteontem a assembleia geral desta classe. Entrou-se imediatamente na ordem dos trabalhos, tendo-se discutido a resolução apresentada da última assembleia geral, referente ao aumento da cota sindical, sendo aprovado por maioria, resolvendo-se que do mês de Janeiro em diante a cota sindical seja de 60 e que a direcção seja autorizada a retirar 40 e da cotização para fundo de solidariedade aos presos por questões sindicais.

Foi dado conhecimento à assembleia do falecimento do camarada César Soares, suspendendo-se a sessão, por dois minutos, em homenagem ao grande amigo que se foi.

Sobre oficinas sindicais, resolveu-se que na próxima assembleia geral se tratasse do funcionamento das mesmas.

Foi aprovada a seguinte moção que já foi aprovada:

Considerando que os desastres que tem sofrido algumas classes que ultimamente se lançaram em greve se deve à grande união que a burguesia mantém entre si;

Considerando que a essa união deve corresponder a união do operariado, acompanhada da sua resistência;

Reclamando do Conselho Confederal da C. G. T. o imediato estudo de todos os métodos de luta tendentes a conseguir que as classes que se movem com consistência sejam satisfeitas as suas reclamações;

Foi apresentada uma proposta para que fossem expulsos de sócios António Marques Motil, Luís Pereira Roque, Luís dos Santos e José Saravia, a quem ficou para concluir a discussão da proposta, que se realiza na segunda-feira, 20 do corrente.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — *Bolsa de Trabalho e Solidariedade*. — Precisa um carpinteiro, que se deve apresentar hoje, das 10 às 11 horas, na rua da Mouraria, n.º 27, munido da sua cédula profissional.

Conselho federal. — Reúne hoje, pelas 20 horas, o conselho federal, para apreciar a situação do gove. acerca das contribuições a pagar pelos sindicatos.

Sindicato Unico da Construção Civil. — *Sessão profissional dos serventes*. — Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho de corporações gerentes para 1921 e outros assuntos de importância.

Sessão profissional de pedreiros. — Reuniu a comissão profissional dos pedreiros juntamente com a comissão de melhoramentos, para discutir os novos corpos gerentes, resolvendo convocar a assembleia geral para amanhã, às 20 horas. Aprovaram-se 15 propostas para a próxima assembleia.

Sindicato Unico Mobiliário. — Conselho técnico e de melhoramentos. — Hoje reúne este conselho, aguardando-se a presença dos delegados de todas as especialidades da Indústria, pelas 20 horas.

Convidou-se a reunir hoje, pelas 20 horas, a comissão ultimamente criada para estudo da situação económica da indústria e das condições profissionais dos marceneiros e polidores.

Também se couvida a comparecer à mesma hora os delegados à Câmara de Solidariedade.

Comissão administrativo. — A fim de se resolver a forma de comemorar o 1.º aniversário deste sindicato, e escolher dos novos corpos gerentes para o futuro ano, o secretário da assembleia geral, para a eleição da comissão administrativa, conselho técnico e de melhoramentos, caixa de solidariedade e bolsa de trabalho, comissões profissionais dos marceneiros e polidores, secretários da mesa da assembleia geral e delegados à U. S. O., a reunir hoje, às 21 horas, sem falta.

Operários Alfaiates. — A fim de tratar de assunto da maior importância, e urgência, a comissão administrativa, conselho técnico e de melhoramentos, caixa de solidariedade e bolsa de trabalho, comissões profissionais dos marceneiros e polidores, secretários da mesa da assembleia geral e delegados à U. S. O., a reunir hoje, às 21 horas, sem falta.

Últimas notícias

Em Espanha

Os operários de Rio Tinto vão regressando ao trabalho

HUELVA, 14. — O governador declarou que estão trabalhando actualmente nas minas do Rio Tinto, 2.239 operários, aumentando diariamente o número daqueles que se apresentam ao trabalho. — *Rádio*.

Rebentam alguns petardos em Barcelona

BARCELONA, 14. — A neve cobre todas as montanhas, continuando o temporal. A vida industrial está quase restabelecida por completo, trabalhando-se em quase toda a parte. Rebentaram alguns petardos sem terem felizmente causado desgraças pessoais.

O sr. Cambó confia no completo êxito da candidatura regionalista nas eleições para deputados que se realizam no próximo domingo. — *Rádio*.

A vida social vai melhorando

VALENCIA, 14. — Nesta cidade continuam acentuando-se as tendências para melhoria da vida social, o mesmo sucedendo em Saragoça e em quase toda a Espanha. — *Rádio*.

A BOMBA

Um ministro que morre vítima dum atentado

BUCAREST, 14. — O sr. Greciano, ministro da Justiça, succubiu em resultado dos ferimentos recebidos da explosão da bomba lançada terça-feira última no parlamento. — *Rádio*.

Relações com os Sovietes

Os ingleses autorizam o comércio nos portos bolchevistas

LONDRES, 14. — A comissão inglesa de Constantinopla autorizou os navios de comércio a negociarem nos portos bolchevistas do Sul da Rússia. — *Rádio*.

A Irlanda revolucionária

Ainda os incêndios em Cork

LONDRES, 14. — Respondendo a várias interpelações na Câmara dos Comuns, sobre os incêndios de Cork Sir Greenwood declarou não conhecer como os fogos foram lançados mas protestou contra a sugestão de que o tenham sido pelas forças da cerca.

É evidente que os incêndios eram produzidos por bombas incendiárias que as forças da coroa não possuem mas de que todas as semanas os simpatizantes fazem uso. Contudo foi ordenado um inquérito.

Os incêndios foram dominados com o auxílio de forças de polícia e do exército, pois os bombeiros estavam exaustos pela extensão do incêndio. — *Rádio*.

Continuam as rixas com violência

LONDRES, 14. — Continuam as rixas na Irlanda. Foram atacados aquartelamentos de polícia. Alguns policiais ficaram feridos. Dois atacantes foram mortos.

Numa emboscada próximo de Cloy-na foi ferido um cabo de escoceses e morto um dos assaltantes e vários feridos. — *Rádio*.

Solidariedade operária

Promovido pelo Sindicato da Construção Civil de Pared e arredores, realizou-se no dia 20 do mês passado, no lugar de Muril, um certame em benefício do camarada António José Constantino, que esteve bastante tempo em prisão preventiva, devido a um crime cometido em 1919, quando o mesmo fim e feitas pela cidade colectivamente, de 5260.

Também a Sociedade Caprino Murilense, em benefício do mesmo camarada, realizou alguns benefícios que renderam 7683.

É esta uma prova da solidariedade existente entre os trabalhadores, que vão reconhecendo o seu grande valor.

A comissão composta dos camaradas José Joaquim Indio e António Vicente Moreira, está muito grata a todos que a auxiliaram nas festas realizadas, que foram também motivo para se desenvolver bastante a propaganda associativa.

Jardineiros. — Reuniu hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral, para apresentação de contas.